

“O QUE NÃO É FLOR E FOLHA É DIFÍCIL DE FAZER”.

Haydêe Barbosa Sampaio de Araújo
Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da arte

RESUMO

Este relato de experiência surgiu da prática pedagógica em sala de aula, com alunos do Colégio Estadual Presidente Kennedy, do projeto EJA (Educação de Jovens e Adultos), no ano de 2005. Parte de um projeto cuja elaboração considerou a aprendizagem cooperativa de conhecimentos prévios dos alunos e de seus valores como ferramenta de aprendizagem. Nesse sentido, ele nasceu no espaço da prática pedagógica e da necessidade de adequar os saberes pré-existentes aos conteúdos a serem trabalhados em salas de aula. Teve como embasamento o resgate do imaginário popular e do gosto pela vida, como maneira de mediar e intensificar as relações entre arte e o indivíduo, com o objetivo de explorar as diferentes possibilidades dos materiais, técnicas e suportes, por meio de procedimentos que melhor podiam expressar a conquista de uma poética pessoal.

Nesta direção, a experiência levou à valorização de questões ligadas ao aprender a aprender, a começar da exploração de diferentes materiais, técnicas e suportes, conforme o projeto e o interesse de cada aluno. A partir de saberes pré-existentes, traçamos roteiros por meios que possibilitassem a criação e a expressão individual e coletiva, juntamente com os conteúdos da disciplina, de modo a permitir que fluíssem. Construímos vários caminhos em que foi possível transitar e compartilhar saberes entre os alunos, através do fazer artístico, da compreensão crítica de artefatos visuais e do desenvolvimento de conhecimentos pré-existentes, a fim de traduzir a solidariedade e a ética como pontos para religação dos indivíduos e dos saberes, ampliando, dessa forma, a cognição, a percepção, a capacidade criadora e a noção de pertencimento à sociedade, como complementação de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS CHAVES: arte educação, ensino aprendizagem, saberes pré-existentes.

Em 2005, trabalhei como professora de arte na Escola Estadual Presidente Kennedy, em turmas do Projeto EJA (Educação de Jovens e Adultos). Ao assumir as turmas, tive vontade de “sumir” quando uma aluna me perguntou se queria auxílio para rodar o mimeógrafo. No primeiro momento, não entendi. “*Como assim, mimeógrafo?*” E então ela me explicou que era para fazer os desenhos para colorir, porque, segundo ela, “*desenhar era muito difícil e o tempo era pouco*”. Só entendi quando entrei em sala e os alunos pediram os desenhos para copiar e colorir. Como resposta, perguntei o que sabiam ou gostavam de fazer. “*Como assim? A professora é quem sabe. A gente só copia ou pinta os desenhos que a professora traz!*”, responderam. Perguntei: “*vocês lembram que tipos de desenhos são esses? Vocês dão conta de fazê-los de memória?*” Disseram que sim e que tinham modelos mimeografados, bichinhos, cestos de flor e cachos de uvas. Disponibilizei uma série de fotografias com o mesmo motivo e propus que desenhassem modelos e as fotografias, tendo como opção também usar a memória. Os modelos foram disputados, enquanto as fotografias ficaram esquecidas em cima da mesa, gerando protestos e roubos de modelos. A saída para essa situação foi propor o uso de modelos vivos, por exemplo, a bananeira e as helicônias do jardim da escola. Protestaram: “*É impossível, olhar e desenhar.*” Assim, a proposta foi desenhar as plantas, optando por folhas, frutos ou textura. Banana é fruto, helicônia é flor; na realidade, a mudança era mínima. Proposta aceita! Trabalhamos com elementos do ambiente, capazes de estruturar representações de acordo com nossos códigos culturais por meio do desenho.

A representação foi entendida e trabalhada como possibilidade de reorganizar, construir, desconstruir, reconstruir, interpretar e comunicar significados que traduzem o ser no que ele tem de mais humano: seu pensamento sensível. Iniciamos debates sobre os equívocos econômicos e sociais e as relações de poder, nas quais os diferentes tipos de arte são produzidos e consumidos, favorecendo reflexões estéticas e visuais e uma leitura crítica das nossas próprias condições de vida. Utilizar essas correlações exige uma preparação inicial, em que é preciso seguir roteiros e compreender os caminhos orientados, pelas técnicas que materializam detalhes do imaginário.

Na escola, agir e pensar são determinações impostas, na maioria das vezes, por

critérios externos e mediados pela idéia de dominação sociocultural, não dando direito ao aluno de optar e opinar diante dos projetos de ensino. No entanto, os saberes cotidianos e locais necessitam ganhar espaço, no sentido de reconstruir conceitos, estabelecer relações, para que o aluno possa entender seu próprio processo de aprendizagem. Só que, muitas vezes, o ensino de arte restringe-se à aplicação de técnicas e exclui esses saberes, ignorando os processos identitários e culturais que borbulham dentro e fora da escola. Uma das finalidades do projeto era utilizar esses saberes como resgate de sonhos esquecidos no decurso do tempo e estímulo de aprendizagem.

Após um diagnóstico, surgiu uma diversidade de técnicas, artefatos que foram agrupados pelo critério da proximidade. Trabalharíamos com o mais familiar e, portanto, redirecionamo-nos para a investigação, a coleta, os registros de temas da cultura e da arte. Ademais, pesquisamos técnicas, temas e imagens que dialogassem com nossas áreas de interesse; essa foi a estratégia usada para ensiná-los a prestar atenção nos discursos que nos rodeiam. Os recursos capturados funcionaram enquanto espelho na desconstrução, construção e reconstrução da realidade observada. A trama do projeto começou a ser tecida, pela proximidade e na informalidade, e os alunos surgiram como “performáticos”, os quais, ao se depararem com o “Salto no vazio”, de Yves Kleine (1960), animaram-se mostrando habilidades, revelando-se artistas circenses cuspiendo fogo, encontrando-se com as possibilidades da arte.

“As bordadeiras” descobriram o Bispo do Rosário e se perguntaram como alcançar visões no bordado, que estão além das rosas, dos copos de leite e dos passarinhos. “As crocheteiras” viram que Takino Suzuran, artista japonesa, faz o mesmo ponto de crochê que está no “forrinho de mesa lá de casa”. Reflexões revelaram que poderiam fazer algo bastante diferente com um ponto que dominam tão bem. “As costureiras”, fazendo roupas de boneca, perceberam que a idéia de “vestir” significa mais do que simplesmente cobrir o corpo, considerando os trabalhos conceituais de Rei Kawabuko, Ronaldo Fraga e Issey Miyake. Entre os sons de giz, ampliamos nossa percepção quanto às traduções que são feitas na construção de nossa própria história, estabelecendo uma ligação entre o que se sabe e o que não se sabe.

O costume de fazer das aulas de arte um mero meio para outros fins, não teve

abrigo. A guarida era para presenças interessadas, mobilizadas pela expressividade em um aprendizado comum. Nessa perspectiva, procuramos desmistificar o pensamento que associa o trabalho intelectual do manual, que subentende que boa parte dos saberes populares pertence ao campo do “não racional”, do executar sem se preocupar com qualquer elaboração. Associação que confina criações populares num gueto, criando constrangimentos aos que se habilitam nesse campo. O fato de esses alunos não terem uma educação formal em arte não indica que eles tenham uma visão ingênua do mundo e do fazer artístico.

Estranhamentos à parte, muitas vezes eu me sentia andando em labirintos sobrepostos, parecendo não avançar em direção alguma. A direção da escola não conseguia entender o que realmente estava acontecendo, reclamava, pois não via nenhum painel da escola ser feito. Contexto caótico que, vagarosamente, começou a fazer sentido, como num longo bordado, sobre o qual as imagens demoram a aparecer. A direção só se acalmou diante da proposta de apresentar, em pequenas mostras à comunidade, tudo que havia sido trabalhado – atividades culturais, artísticas, estéticas e gastronômicas que revelaram aspectos práticos e estéticos, estudados nas aulas do semestre, e os alunos demonstraram que, com liberdade poética, é possível ir além das impossibilidades. O entusiasmo costurou tudo o que parecia não ter sentido. Tudo que foi colado, desenhado e recortado, agora, visivelmente, tinha uma razão de ser, e o avesso ficou tão bom quanto o direito. A arte funcionou como ponto de desintoxicação e as ações passaram a fazer sentido, possibilitando a constituição de sujeitos críticos, criativos e transformadores da realidade.

O grupo que optou pelo bordado se destacou. Mesmo que os riscos usados no bordado fossem os mesmos, a oportunidade da visibilidade fez com que as bordadeiras se redobrassem em esmero na apresentação de suas propostas. O bordado revelou artistas preparadas para interagir e ensinar o que sabiam. Na aparente simplicidade das suas narrativas, estabeleciam diálogos com tradições culturais fixadas no “não arriscar” novidades, o que, segundo elas, custam caro e que, além do mais, “o que não é flor e folha é difícil de fazer”. Concepção que projeta uma forma de entender o ser e o estar no mundo que, na repetição de temas e pontos, torna possível o questionamento da idéia reflexa da incapacidade para mudanças.

Embora sendo flores e folhas bordadas em toalhas de banho e panos de pratos, escultura de legumes e argila, pratos compostos com esmero, labaredas cuspidas, conserto de motores, montagens de carrinhos de madeira, essas representações podem fazer parte, segundo Shohat (2006, p.65), do sistema “pan-óptico” em uma rede discursiva ampla, visualizando outros discursos embutidos, na representação, na forma de produção e no consumo, pois, segundo esse autor, “esses discursos estão encapsulados em estruturas institucionais que excluem certas vozes, estéticas e representações” de uma categoria de narrativa concebida em processos históricos de diferenciação, ancorados em estruturas materiais de poder. Mesmo que seja no ambiente escolar, esses saberes abrem uma condição de se descolonizar e traçar caminhos que conduzem a outros feitos que estão além das normas homogeneizantes de se ver algo.

O sujeito é mais que um consumidor passivo e passa a ser protagonista, tanto nas temáticas quanto nos processos em que seu aprendizado é construído. Neles estão os passos necessários para conectar, com diferentes espaços-tempo, transcendendo o discurso sobre o desinteresse de experimentar “fazer o que não é flor e folha”, abandonando o medo de perder conexões. Talentos inusitados de alunos considerados problemáticos foram revelados onde, aparentemente, não tinham perspectiva de futuro.

De acordo com Gilberto Gil, “um copo vazio está cheio de ar”. Trabalhar com saberes pré-existentes e propor interação entre indivíduos, em processos de aprendizagem, tornou-se uma renovação possível para alterar quadros de desmotivação, de modo a auxiliar na resolução de problemas, tais como a evasão escolar. Abrir a escola para a comunidade significou viabilizar e dar visibilidade à preservação de heranças culturais e símbolos de identidade coletiva, passo dado em direção ao combate da vulnerabilidade social.

No discurso de posse como Ministro da Cultura, Gilberto Gil (2003) sinalizou que “se o povo sabe o que quer, ele também quer o que não sabe”. Após vivenciar essas experiências, percebi que pelos saberes pré-existentes é possível criarmos outros trajetos que podem ser seguidos, começando desde a escolha dos materiais até as lembranças tramadas na memória que, ressignificadas nas técnicas utilizadas, alcançam os contornos de pensar o mundo.

Referências bibliográficas

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SOUICY, Donaldo. **Não existe expressão sem conteúdo**, in arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais / Ana Mae Barbosa(org)São Paulo.Cortez, 2005

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica: Multiculturalismo e Representação**. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. (org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997.

GÖTZ. A. **Joseph Beuys - Desenhos, Objetos, gravuras**. Livro Catálogo da exposição Stuttgart- Instituto de Relações Culturais com o Exterior, 1989.

Gil Gilberto Discurso de posse (publ. na FolhaOnline) 03/01/2003
<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/01/44786.shtml>